

Ensinamentos de Além-Túmulo - A Generosidade

Pergunta 1 - *Eu queria saber se o espírito de XXX se encontra nesse ambiente. Existiria uma possibilidade de o evocar?*

Resposta 1- *Existe, mas... Vocês perceberam que todos que vocês chamaram anteriormente, vieram todos ao contrário? Percebam: há muito mais para se aprender do que aquilo que vocês imaginam. Vocês lembram do pedreiro? Vocês aprenderam muito com ele.*

Nós entendemos a vontade de vocês de confirmar identidades e retomar diálogos com espíritos amigos, queridos, que já atravessaram o limiar entre a vida e o mundo espiritual. Mas há uma imensidão de outros tantos que necessitam de uma comunicação, que necessitam de palavras amigas, que necessitam de orientação. E nós aqui, por mais que façamos, não os atingimos da mesma forma.

Com [essa Evocação](#) foi assim. A aproximação com vocês ofereceu a ele a oportunidade de se desvencilhar dos vícios que ele tinha. Sejam generosos com aqueles que procuram por vocês, porque o espaço está aberto.

Não quero dizer com isso que vocês não possam conversar com seus entes queridos. Mas recebam sempre aqueles que chegam como se também fossem entes queridos. O amor é uma dádiva e a caridade que fazemos com aqueles que se aproximam passa mais na construção de um mundo melhor.

Porque eles são o futuro da nova humanidade que está surgindo. Porque eles retornarão à vida corporal. E se eles não tiverem a oportunidade de saírem dos vícios morais em que se encontram, retornarão ao corpo físico, trazendo toda essa bagagem e dificultando ainda mais o novo porvir.

OBSERVAÇÕES: A mensagem é de suma importância, pois toca em pontos nevrálgicos da economia espiritual e da nossa própria missão na Terra. Havíamos acabado de tentar duas evocações diretas e, para as duas, quem se apresentou foi outro Espírito, no lugar de quem chamávamos. Nossa atitude, ao perceber a impostura, foi de acolher brevemente, sem rispidez, mas solicitando que eles aguardassem uma nova oportunidade, quase dizendo “obrigado, próximo”,

perdendo de vista a oportunidade de aprendizado em vistas, talvez por um certo medo do que acontecia. Honestamente, nos sentimos envergonhados, depois da lição que ora abordamos.

O desejo de **“confirmar identidades e retomar diálogos com espíritos amigos, queridos, que já atravessaram o limiar entre a vida e o mundo espiritual”** e a possibilidade de comunicação com aqueles que nos precederam na grande jornada é, sem dúvida, uma consolação, que nos proporciona o meio de nos entretermos com nossos parentes e amigos desencarnados, aprendendo e ensinando. Essa comunicação nos auxilia com seus conselhos, testemunha seu afeto e a alegria que sentem por serem lembrados. É uma satisfação saber que estão felizes e, por seu intermédio, aprender os detalhes de sua nova existência, adquirindo a certeza de que um dia nos juntaremos a eles. A morte, como nos é revelado, não é uma destruição absoluta, mas uma passagem, uma transformação sem solução de continuidade, e as relações de afeição estabelecidas na Terra continuam.

Contudo, a observação de que **“há uma imensidão de outros tantos que necessitam de uma comunicação, que necessitam de palavras amigas, que necessitam de orientação”** aponta para uma verdade mais vasta, que transcende o âmbito das afeições pessoais. Os Espíritos que nos cercam são inumeráveis, e muitos deles, “frequentemente os mais simples”, anseiam por se comunicar. A mediunidade não é um dom exclusivo para o médium, mas para o “bem geral”. Ao seu redor, há uma “multidão de irmãos, pouco adiantados ou em sofrimento” que podem ser atraídos pelos seus pensamentos e por suas preces, levando à fé e à esperança. É por isso que, ao não evocar ninguém em particular, corre-se o risco de abrir a porta a Espíritos inferiores. Sua compaixão e sua prece podem ser um alento para os Espíritos esquecidos ou sofredores, revertendo-se em seu benefício.

O caso mencionado da evocação precedente que **“a aproximação com vocês ofereceu a ele a oportunidade de se desvencilhar dos vícios que ele tinha”**, ilustra perfeitamente a missão moral do Espiritismo, bem como a obrigação moral dos verdadeiros espíritas. Os Espíritos nos revelam que a vida corporal é uma escola, uma série de provas e expiações, e que o sofrimento, quando bem suportado, serve para nossa depuração e elevação. Espíritos ainda imperfeitos podem permanecer em estados de perturbação e sofrimento, revendo constantemente seus erros. A caridade, a oração e a compaixão daqueles que

ficam na Terra podem, de fato, aliviar essas penas e auxiliar o Espírito a reconhecer seus erros e a se arrepender, abrindo caminho para o progresso. O arrependimento sincero, a reparação das faltas e a prática do bem são os únicos meios de abreviar os sofrimentos.

Quando o Espírito diz **“Sejam generosos com aqueles que procuram por vocês, porque o espaço está aberto”**, está reafirmando o princípio da caridade universal. A caridade não se limita à esmola; ela abrange a tolerância, a benevolência e o amor ao próximo. Os bons Espíritos são atraídos por corações puros e elevados, e por um desejo sincero de instruir-se. É a caridade que permite o intercâmbio fraterno entre os mundos, uma “alavanca poderosa que põe em comunicação os espíritos de todos os mundos”.

É certo que não se deve recusar a **“conversar com seus entes queridos”**. Isso seria negar uma das mais doces consolações que a Providência nos concede. No entanto, a Doutrina nos impele a uma visão mais ampla. A recomendação de **“recebam sempre aqueles que chegam como se também fossem entes queridos”** é uma aplicação prática da caridade e do amor universal. **“O amor é uma dádiva e a caridade que fazemos com aqueles que se aproximam passa mais na construção de um mundo melhor”**. O verdadeiro espírita, como o verdadeiro cristão, busca ativamente o bem e a caridade, sem interesses. É por meio da prática do bem e da caridade que os laços se fortalecem, tanto entre vós quanto entre vós e o mundo espiritual.

A parte mais premente da mensagem reside na afirmação: **“Porque eles são o futuro da nova humanidade que está surgindo. Porque eles retornarão à vida corporal. E se eles não tiverem a oportunidade de saírem dos vícios morais em que se encontram, retornarão ao corpo físico, trazendo toda essa bagagem e dificultando ainda mais o novo porvir”**. Isso ressalta a importância da reencarnação como lei de progresso. A pluralidade das existências é necessária para que o Espírito possa depurar-se e adquirir novos conhecimentos e qualidades, até atingir a perfeição. Aqueles que partem da Terra em estado de imperfeição e vícios, se não se esforçarem para a reforma moral no mundo espiritual, retornarão à vida corporal com a mesma bagagem, e o Espiritismo nos mostra que as condições de uma nova existência dependem de si mesmos. Se não aproveitam o período de erraticidade para progredir, ou se escolhem provas que não condizem com seu adiantamento, podem dificultar seu próprio progresso. Deus, em sua infinita justiça e bondade, concede ao homem os meios de reparar

suas faltas, e a reencarnação é um desses meios. As nossas ações em auxiliar esses Espíritos necessitados contribui diretamente para a “regeneração da Humanidade”, pois eles são os futuros obreiros da Terra. A nossa tarefa é de diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, a fim de que o *Livro dos Espíritos* possa ser compreendido por todos.

Portanto, não percamos de vista o grande objetivo da Doutrina: a reforma moral do homem e a construção de um mundo melhor. A sua generosidade para com os Espíritos sofredores e menos adiantados é um ato de caridade sublime que reverte em benefício de toda a Humanidade, preparando o terreno para as gerações futuras. Continuemos a amar e nos instruir, pois a verdade nos guiará.

***Pergunta 2**– Só um aspecto, se me permitir perguntar: e o fator evocação que tanto Kardec falou que era importante fazer? E se nós evocamos e vem outro espírito?*

***Resposta 2** – Vocês **podem** evocar. Eu não disse que não podem. Mas quando acontece que um outro espírito se aproximar no lugar daqueles que vocês estão chamando, façam o seu melhor. Os que vão virão. Podem ficar tranquilos.*

Nós procuramos deixar o espaço livre pela escolha de cada um. A frustração de vocês é fruto dos sentimentos que vocês possuem, um pouco do orgulho ferido por não serem atendidos. E é um trabalho de longo prazo.

*Vocês podem, se quiserem, fazer essa divisão de um tempo a cada um (entre evocações diretas e atendimento a comunicações espontâneas), mas nada garante que ela se concretize. **Tenham em mente que a liberdade aqui é respeitada.** Cada um de vocês tem um aprendizado, tem uma sequência de vida e cada um de vocês tem um sentimento a ser trabalhado.*

Foquem nisso e tenham fé. A espiritualidade não determina, não impõe de cima para baixo. Não forcamos ninguém a fazer tal ou qual coisa.

Entendemos sim a frustração de vocês. Às vezes é necessário que haja algum desconforto, mas é um trabalho interno, pessoal de cada um. Não desejamos que as comunicações sejam interrompidas.

Também não desejamos que vocês desistam de falar com as pessoas, com os

espíritos de seus entes queridos. Persistam. Tenham fé.

OBSERVAÇÕES: A mensagem mostra verdades profundas que a Doutrina Espírita nos tem desvelado.

“Vocês podem evocar. Eu não disse que não podem. Mas quando acontece que um outro espírito se aproximar no lugar daqueles que vocês estão chamando, façam o seu melhor. Os que vão virão. Podem ficar tranquilos”, toca num ponto essencial da [prática mediúnica](#). De fato, a possibilidade de comunicação com os Espíritos é uma consolação, que nos permite conversar com nossos entes queridos que já deixaram a Terra, auxiliando-nos com seus conselhos e testemunhando-nos seu afeto. É útil e mesmo necessário evocar Espíritos determinados. Contudo, a experiência nos mostra que, ao nosso redor, há sempre uma “imensa maioria” de Espíritos, ansiosos por se comunicar. Se não evocar ninguém em particular, abrirá a porta a todos que queiram entrar. E mesmo ao evocar, um Espírito diferente do chamado pode apresentar-se. Nestes casos, a paciência e o discernimento são nossos melhores guias. Os Espíritos que realmente têm algo de sério e útil a dizer virão, mas não estão às nossas ordens. A nossa boa intenção e a seriedade do propósito atraem os bons Espíritos.

“A frustração de vocês é fruto dos sentimentos que vocês possuem, um pouco do orgulho ferido por não serem atendidos. E é um trabalho de longo prazo”. Observamos que essa é uma lição fundamental. A Doutrina nos ensina que o Espiritismo tem como objetivo principal o [“melhoramento moral da humanidade”](#). O orgulho e o egoísmo são vícios radicais que persistem e que os Espíritos buscam combater. A persistência em obter fenômenos específicos ou a vaidade podem levar a mistificações. É preciso ter em mente que o progresso espiritual é um trabalho contínuo, de “longo prazo”, que exige paciência e perseverança.

Quando ele diz: **“Vocês podem, se quiserem, fazer essa divisão de um tempo a cada um, mas nada garante que ela se concretize. Tenham em mente que a liberdade aqui é respeitada. Cada um de vocês tem um aprendizado, tem uma sequência de vida e cada um de vocês tem um sentimento a ser trabalhado”**, reforça um dos pilares de nossa fé: o livre-arbítrio e a não-imposição. [Os Espíritos não se impõem](#); eles dão conselhos e, se não são atendidos, retiram-se. O Espírito encarnado precisa exercitar suas próprias forças e adquirir experiência para progredir, e a ação dos Espíritos protetores é

regulada para não tolher o livre-arbítrio. A divisão do tempo para comunicações ou a escolha de provas pertence ao plano individual de cada Espírito, seja encarnado ou desencarnado, visando seu próprio aperfeiçoamento.

A observação de que **“a espiritualidade não determina, não impõe de cima para baixo. Não forçamos ninguém a fazer tal ou qual coisa”** é a confirmação do que acima dissemos. Os bons Espíritos são atraídos pela pureza de coração e pelo desejo sincero de instrução, e [não por ordens ou rituais sem sentido](#). As verdades morais são oferecidas para que cada um as tome e as aplique, se quiser, em seu próprio progresso.

Por fim, ao afirmar **“Entendemos sim a frustração de vocês. Às vezes é necessário que haja algum desconforto, mas é um trabalho interno, pessoal de cada um. Não desejamos que as comunicações sejam interrompidas. Também não desejamos que vocês desistam de falar com as pessoas, com os espíritos de seus entes queridos. Persistam. Tenham fé”**, revela a compaixão e a sabedoria que permeiam o mundo espiritual. As aflições e o “desconforto” são, muitas vezes, provas necessárias para o nosso adiantamento, e a maneira como as suportamos com resignação [contribui para o nosso progresso](#). É um trabalho do Espírito, que cada um deve empreender. A perda de entes queridos, embora dolorosa, é suavizada pela certeza da continuidade da vida e pela possibilidade de comunicação, que é uma suprema consolação. Nossos guias espirituais, como anjos guardiões, estão sempre conosco, oferecendo seu amparo e conselho, mesmo que não os percebamos diretamente. A persistência na fé e na prática do bem é o que nos fortalece e nos permite avançar no caminho da felicidade eterna.

Que estas reflexões vos sirvam de guia e fortaleçam convicção na bondade de Deus e na verdade dos ensinamentos que nos chegam.

Sigamos aguardando a chegada de novos grupos parceiros, para se juntar a nós na pesquisa, retomando o método científico necessário para o desenvolvimento do Espiritismo.

Contradições dos Espíritos

Lê-se na Revista Espírita de novembro de 1860 (“Relações afetuosas dos Espíritos”):

“Se Georges tivesse sido um desses Espíritos vulgares ou sistemáticos, que externam suas próprias ideias sem se inquietarem com sua exatidão ou sua falsidade, não teríamos dado a menor importância. Em razão de sua sabedoria e de sua profundidade habituais, poder-se-ia supor houvesse algo de verdadeiro no fundo dessa teoria, mas que o pensamento não teria sido expresso completamente. Com efeito, é o que resulta das explicações que pedimos. Temos, pois, uma prova a mais de que nada se deve aceitar sem o haver submetido ao controle da razão; e aqui a razão e os fatos nos dizem que tal teoria não poderia ser absoluta.

[...]

O simples bom-senso nos diz, pois, que a situação de que se falou é relativa e não absoluta; que pode verificar-se para alguns em dadas circunstâncias, mas não poderia ser geral, porque, do contrário, seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito e, por isto mesmo, não seria conforme à justiça de Deus, nem à sua bondade. Evidentemente, o Espírito de Georges só encarou uma fase da erraticidade, na qual, para melhor dizer, restringiu a aceção do termo errante a uma certa categoria de Espíritos, em vez de aplicá-la, como nós o fazemos, indistintamente, a todos os Espíritos não encarnados.”

Esta é mais uma lição para os nossos diálogos com os Espíritos. Os mesmos desafios que Kardec enfrentava, nós também os enfrentaremos. A questão é que, baseando-se no que Kardec já estudou, temos um princípio, um ponto de partida, e não ficamos perdidos, sem saber como reagir.

Mais uma vez, o bom senso de Kardec nos chama à razão sobre a necessidade de ***NADA*** aceitar cegamente, sempre considerando todas as dificuldades nas quais as comunicações espíritas estão envolvidas. Uma vez mais, o retorno ao bom senso kardeciano contrasta gritantemente com o que o Movimento Espírita atual faz e ensina.

O verdadeiro problema do Movimento Espírita

Voltemos ao Movimento Espírita na época de Kardec, conforme a “Estatística do Espiritismo” publicada na Revista Espírita de 1869:

“católicos romanos, livres-pensadores, não ligados ao dogma, 50%; – católicos gregos, 15%; – judeus, 10%; – protestantes liberais, 10%; – católicos ligados aos dogmas, 10%; – protestantes ortodoxos, 3%; – muçulmanos, 2%”.

Desde o princípio, o Movimento Espírita foi heterogêneo quanto à origem religiosa de seus participantes. Isso nunca foi um problema. Ninguém precisa renunciar à sua identidade religiosa para estudar uma ciência. O verdadeiro problema está na perda da unidade do conhecimento dessa ciência.

Com Kardec, o Espiritismo possuía uma definição clara, princípios bem delimitados e uma defesa vigorosa de seu método de observação, comparação e controle das manifestações inteligentes. Após sua morte, a ciência foi distorcida, o método abandonado, e os princípios traídos. No Brasil, particularmente, o nome Espiritismo foi sequestrado para designar uma religião sincrética, marcada por misticismo, fatalismo e idolatria mediúnica — cujo “Vaticano” atende pelo nome de Federação [Não] Espírita Brasileira.

É preciso parar de transferir a culpa. O problema do Movimento Espírita não é, em essência, o catolicismo ou o protestantismo. O desvio central é roustainguista. O dogmatismo religioso, sim, contaminou o Movimento, mas só porque encontrou nele terreno fértil: espíritas que, sem autonomia intelectual, sem estudo rigoroso, sem espírito crítico, deixaram-se levar por autoridades humanas e abandonaram o modelo científico proposto por Kardec.

No passado, isso até poderia ser escusável, já que a Revista Espírita só foi traduzida para o português na década de 1960. Também não havia, como hoje, facilidade de acesso ao conhecimento. Hoje — e já há algum tempo — isso não

mais se sustenta. Não há desculpa plausível além da pura falta de vontade de estudar a Doutrina como ela realmente é, para ficar perdendo tempo com a sistematização de ideias colhidas em ROMANCES (sic!).

Esse é o verdadeiro desvio. Não se trata de fatores externos, mas da covardia doutrinária dos que se dizem espíritas e não ousam estudar, evocar, analisar e confrontar os erros — como Kardec fazia, com coragem e método — como muitos outros também faziam, fossem livres-pensadores, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, etc.

A chave que falta para a ciência compreender vida e morte

A ciência avançou enormemente na descrição dos mecanismos que mantêm um organismo vivo e daqueles que entram em colapso quando ele morre. Entendemos com precisão como as células funcionam, como o DNA coordena a formação de tecidos, como as proteínas regulam os processos bioquímicos, e como a morte leva à degradação dessas estruturas. Mas permanece uma questão essencial que ainda escapa aos modelos puramente materiais:

Por que a matéria se organiza?

Não apenas *como* ela se organiza, mas *por que* ela assume uma configuração funcional, integrada, coesa, direcionada? A física e a química descrevem as interações entre moléculas, mas não explicam satisfatoriamente a presença de um princípio ordenador que mantenha essa organização ao longo da vida. Tampouco explicam o porquê dessa organização cessar de maneira tão coordenada com a morte.

Essa é a chave que falta: **o princípio inteligente e organizador que atua sobre a matéria**. E é precisamente aqui que o Espiritismo, fundado por Allan Kardec, oferece uma contribuição decisiva para o pensamento científico.

Segundo o Espiritismo, o organismo vivo é estruturado por uma tríade: o corpo, o perispírito e o espírito. O perispírito é um envoltório semimaterial que serve de ponte entre o espírito (princípio inteligente) e o corpo (estrutura material). É o perispírito que molda o corpo físico desde a concepção e que o sustenta durante toda a vida, mantendo a coesão funcional e a identidade orgânica.

Com a morte, o espírito se desliga do corpo, cessando essa ação coordenadora. A matéria, então, entra em colapso não por uma “falha” aleatória, mas porque **lhe falta o elemento que lhe dava unidade**. As reações químicas que antes eram reguladas por um princípio inteligente passam a seguir apenas as leis naturais da degradação.

Essa visão não é metafísica arbitrária. Kardec propôs o Espiritismo como ciência de observação, baseada em fatos, experimentação e raciocínio. A hipótese do perispírito como modelo organizador biológico não exclui as descobertas da biologia; ela as integra numa abordagem mais ampla e coerente.

Negar essa possibilidade não é ser científico, mas ideológico. O verdadeiro espírito científico não teme ampliar seus horizontes quando os dados da realidade assim o exigem. E os fatos, tanto fisiológicos quanto mediúnicos, apontam para algo que vai além da matéria: **uma inteligência que atua sobre ela**.

Por isso, dizemos com firmeza:

O Espiritismo oferece a chave que falta para completar a compreensão da vida e da morte. Não se opõe à ciência verdadeira; ao contrário, convida-a a evoluir para além do reducionismo materialista.

O corpo morre. Mas a consciência, e o princípio que sustentava a organização desse corpo, seguem vivos. Essa é a chave. Essa é a ciência espiritual inaugurada por Allan Kardec. E é esse o legado que nos cabe estudar, divulgar e honrar com seriedade, profundidade e razão.

A FEB e sua contínua tentativa de manipular o Movimento Espírita

A Federação Espírita Brasileira, roustainguista praticamente desde suas origens, sempre atuou de maneira deliberada para manipular o Movimento Espírita, afastando-o do verdadeiro Espiritismo codificado por Allan Kardec. Já tratei desse desvio institucional em artigo anterior.

Sabemos bem (e, se você não sabia, agora sabe) que a FEB foi tomada por seguidores do dogmático Jean-Baptiste Roustaing a partir de 1895, quando Bezerra de Menezes — também adepto das teses roustainguistas — assumiu sua presidência. A partir dessa apropriação doutrinária, surgiu uma das maiores aberrações já vistas no Movimento Espírita Brasileiro: o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Trata-se de uma obra claramente inspirada por um Espírito mistificador — provavelmente Ismael — que serviu de base para a formulação do “Pacto Áureo” e, posteriormente, para a criação do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita), programa este totalmente permeado pelas distorções do roustainguismo.

Nas apostilas do ESDE, mais especificamente no capítulo 4, encontramos uma citação dessa obra (psicografada por Chico Xavier, sob suposta autoria espiritual de Humberto de Campos), que transcrevo abaixo com os devidos grifos:

*[...] Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de **João-Batista Roustaing** (Jean-Baptiste Roustaing), que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.*

Essa afirmação, em particular, é factualmente mentirosa. Roustaing não só não foi

auxiliar de Kardec, como se colocava em nítida oposição ao Espiritismo genuíno, especialmente por sua recusa à metodologia científica que sustentava a obra kardequiana — ponto esse que representava verdadeiro calcanhar de aquiles de seus escritos místicos e doutrinariamente frágeis.

Recentemente, ao tentar mostrar essa distorção a um amigo, percebi que o tomo I do ESDE havia sido “revisado”, e a citação acima foi modificada: o nome de Roustaing foi simplesmente removido do trecho, como se nunca tivesse constado ali.

os estudiosos do tempo. Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lyon. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de [...] Léon Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica, e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na Codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.¹⁹

Uma tentativa **sem-vergonha** de apagar suas raízes roustaingistas sem, contudo, reconhecer publicamente o desvio doutrinário nem dar qualquer sinal de retorno ao caminho correto. Essa é a FEB: sempre operando nos bastidores, tentando controlar o Movimento Espírita e manter sua influência, exatamente como a Igreja Católica fez com o cristianismo ao longo dos séculos.

Não se enganem: a FEB **continua roustainguista**. Continua rejeitando a evocação e o exame racional das comunicações dos Espíritos — práticas essenciais à metodologia kardequiana. Continua tentando controlar a mediunidade conforme seus próprios dogmas, limitando-a aos moldes de seus centros (roustaingistas, embora se autodenominem “espíritas”). E continua silente quando deveria se levantar em defesa da verdadeira Doutrina Espírita.

A FEB, meus caros, só poderá ser considerada legítima quando, de forma pública e inequívoca, **assumir seu desvio** e reconhecer o erro histórico cometido. Não antes. Nunca antes disso.

Mediunidade: estudo e prática

Mediunidade: estudo e prática - mais uma apostila febiana cumprindo adequadamente os propósitos da FEB.

Uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec

Vamos colocar uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec, demonstrando que são fatos inegáveis, senão pelos orgulhosos obstinados.

Projeto Semear — Formação de Grupos de Estudos

O Projeto Semear visa fomentar a criação a criação de grupos de estudos de Espiritismo sobre, necessariamente, as obras de Allan Kardec

O livro A Gênese, de Allan Kardec, foi mesmo adulterado?

O livro A Gênese foi adulterado, mas, usando de subterfúgios, algumas pessoas tentam direcionar as opiniões, sem trazer à mesa todos os fatos.

Nosso Lar e a Doutrina Espírita

Nosso Lar seria a representação fiel do apego ao materialismo, o que não poderia coadunar com a ideia de Espíritos superiores dirigentes.